

Relações entre as cosmovisões indígena e europeia nos códices Telleriano Remensis e Vaticano A

GLÁUCIA CRISTIANI MONTORO*

Introdução

Os dois manuscritos de tradição indígena aqui estudados, os códices Telleriano Remensis e Vaticano A, são provenientes da região central do México, ambos confeccionados em meados do século XVI. Trata-se de documentos híbridos que conjugam pictografias (um sistema de notação pictográfico característico do México Central) e anotações em caracteres latinos: em castelhano, no caso do Telleriano Remensis, e em italiano no Vaticano A.

O Códice Telleriano Remensis é dividido em três seções: a primeira mostra o *xiuhpohualli*, ou ciclo calendárico anual de 365 dias (divido em 18 festas, ou 18 “meses” de 20 dias cada, mais uma página representando os 5 dias adicionais, chamados *nemontemi*); a segunda é um *tonalpohualli* ou calendário ritual (de 260 dias, dividido em grupos de treze, conhecidos como *trecenas*); e a terceira aborda conteúdos históricos (desde as migrações típicas desses povos nahuas, passando por sua história dinástica e finalizando com uma parte da história colonial). Já os assuntos do Códice Vaticano A foram divididos em três grupos por Anders e Jansen (ANDERS, 1996). O primeiro grupo se refere à “Religião”: cosmologia e história sagrada; o *tonalpohualli*; o ciclo calendárico de 52 anos; e o *xiuhpohualli*. O segundo grupo é intitulado “Costumes”: o corpo dos 20 signos ou *tonalli*; ritos e sacrifícios; trajes e insígnias; e as três etapas da vida humana. O terceiro grupo é o dos “Anais Históricos”, dividido pelos autores em períodos de 52 anos, ou *xiuhmolpilli*.

Todas as seções do TR¹ estão representadas também no VA², que possui, como vimos acima, alguns assuntos adicionais. As pictografias dessas seções coincidentes são

* Professor Adjunto da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Este trabalho foi desenvolvido a partir da pesquisa de pós-doutoramento, financiada pelo CNPq e realizada na Universidade Federal Fluminense sob supervisão do Prof. Dr. Ronaldo Vainfas.

¹ Abreviatura para *Telleriano Remensis*.

idênticas. Para se ter uma idéia, o códice TR consta hoje de 50 fólhos, mas seus conteúdos estão incompletos, faltando fólhos de suas três seções. Em todos os casos o conteúdo pode ser recomposto utilizando o Códice Vaticano A. Os assuntos do VA que são semelhantes aos do TR são: o *tonalpohualli* e o *xiuhpohualli*, do primeiro grupo, e o conteúdo do terceiro grupo, os anais históricos.

Apesar das semelhanças entre o conteúdo imagético, ou seja, as pictografias, os textos de ambos códices não são idênticos. Eles possuem similaridades no conteúdo, mas também apresentam comentários que estão presentes somente em um deles. Talvez a principal característica que os diferencia é o fato do TR ser composto por um emaranhado de comentários, realizados por diversos autores em períodos distintos, enquanto os textos do VA nas páginas coincidentes entre os dois códices foram escritos por um único anotador.

No que se refere ao TR, as anotações foram realizadas em todas as seções do códice, onde normalmente foram inseridos para explicar o conteúdo das imagens, apesar de existirem textos que não se relacionam diretamente com elas, especialmente no final do manuscrito. Essas anotações são fruto do trabalho de vários indivíduos, que as inseriram paulatinamente em diferentes períodos da história de confecção do códice. De acordo com nossas análises³ foram 10 os indivíduos que participaram desse processo, dentre os quais encontramos 5 anotadores principais, pois são aqueles que realizaram as maiores contribuições, com textos mais extensos, e 5 autores que efetuaram somente pequenas frases ou escreveram palavras em língua *nahuatl* em algumas páginas. As anotações são bastante heterogêneas e as seções do códice revelam distintos padrões de anotação.

Já os textos do VA foram claramente realizados por dois autores. O mais interessante dessa divisão é que os conteúdos coincidentes do Vaticano A com o Telleriano Remensis, ou seja, as seções do *tonalpohualli*, do *xiuhpohualli* e dos conteúdos históricos somente possuem textos do primeiro anotador, que também comentou outros assuntos do Vaticano A que não têm paralelo com os do TR. Anders (ANDERS, 1996: 29-33) afirma que ambos anotadores do VA eram missionários, tanto

² Abreviatura para *Vaticano A*.

³ Realizadas em nossa pesquisa de pós-doutorado na Universidade Federal Fluminense, com bolsa do CNPq.

pelo conteúdo das anotações como pelo fato do segundo se auto declarar sacerdote em uma das páginas. Nem todas as páginas do códice receberam comentários. Na seção dos anais históricos somente três páginas foram anotadas, as restantes páginas dessa seção somente possuem pictografias.

As semelhanças entre os códices TR e VA são conhecidas de longa data, tendo sido feitas muitas hipóteses a respeito. Humboldt (HUMBOLDT, 1810: 279) foi o primeiro autor a notar essas semelhanças, ainda no início século XIX. Outro passo importante no estabelecimento da conexão entre ambos foi dado também no século XIX, quando foram encontradas em seus textos evidências de sua relação com um frade da ordem de Santo Domingo chamado Pedro de los Ríos. A ligação do Códice VA com esse frade já tinha sido determinada desde o século XVII, mas no século XIX foi possível conectar também o Códice TR a ele. Ela é fundamentada principalmente pela análise de duas passagens, cada uma no texto de um dos manuscritos: em terceira pessoa no texto do Vaticano A e em primeira pessoa no TR. Essa relação, associada à similaridade entre os dois manuscritos e à referência do nome de Ríos como o compilador do códice Vaticano A nas páginas desse mesmo manuscrito levaram os estudiosos a concluir que o TR pertenceu ou passou pelas mãos desse frade, tendo sido ele o realizador das últimas anotações registradas em suas páginas.

Mesclas entre cosmovisões nos textos dos códices Telleriano Remensis e Vaticano A

Em meados do século XVI os missionários que atuavam na Nova Espanha mostravam um interesse crescente por diversos aspectos das culturas indígenas, principalmente pelos calendários, os deuses e as festividades relacionadas a eles. Apesar das destruições indiscriminadas de manuscritos, os religiosos perceberam a importância da compreensão das tradições indígenas para que pudessem realizar uma evangelização eficiente e combater a idolatria. Muitos dos missionários que compilaram pictografias ou escreveram livros com informações sobre a religião indígena durante os séculos XVI e XVII justificam seus atos baseados na premissa de que a falta de conhecimento das tradições nativas prejudicava a fiscalização da Igreja. Alguns afirmam que os povos

nativos praticavam atos idolátricos diante dos olhos dos missionários sem que esses se dessem conta.

As anotações presentes nos dois códices analisados mostram esse tipo de interesse pelos assuntos religiosos indígenas, especialmente nas seções que se relacionam a eles, o *xiuhpohualli* e o *tonalpohualli*. Em suas tentativas de compreensão desses conteúdos, muitas vezes os anotadores revelam mais sobre o mundo europeu que sobre o americano. Para traduzir a cultura do Outro utilizam como referência elementos de sua própria cultura (HARTOG, 1999: 224-245). Para Cristina Pompa “...o que os missionários, os cronistas, os agentes do governo colonial apresentam em suas fontes é sua própria imagem deformada no espelho, em virtude do processo de tradução...” (POMPA, 2003: 27). Terminam, assim, explicando os mitos e práticas religiosas indígenas a partir de seus próprios referenciais usando, por exemplo, elementos que fazem parte das narrativas bíblicas e práticas e liturgias da igreja católica. Com isso acabam mesclando as tradições nativas com as ocidentais, gerando uma fusão de ambas cosmovisões.

Essas características foram detectadas no TR no primeiro ano de nossa pesquisa de pós-doutorado⁴. Ao observar esses textos vimos que quando abordam as cerimônias realizadas durante as festas os autores fazem, com frequência, analogias a crenças e práticas cristãs. Por exemplo, na primeira seção do TR o anotador identificado como Pedro de los Ríos afirma que no "mês" *ochpaniztli* era quando celebravam a festa "*daquela que peço por comer la fruta del arbol*", associação direta ao Pecado Original cristão; além disso relaciona a "festa de todos os deuses", em *vey pachtli*, com a "festa de todos os santos" católica. Já na segunda seção, do *Xiuhpohualli*, Ríos associa a figura feminina da página 11r à Eva, dizendo que sempre a pintam chorando e olhando para seu marido Adão, identificado como *Huehuecoyotl*; e sobre uma figura da página 23r afirma que é o diabo quando estava enganando Eva antes que pecasse. Outros anotadores também fazem esse tipo de associação como, por exemplo, aquele que chamamos de Anotador 2. Esse indivíduo, que também deve ser um frade da Ordem de Santo Domingo, descreve a realização de uma cerimônia que associa com a

⁴ Pesquisadas no projeto intitulado “Análise dos textos em caracteres latinos do Códice Telleriano Remensis” (financiado pelo CNPq), as quais foram analisadas detalhadamente no artigo aceito para publicação na revista Tempo com o título “O Dilúvio Universal e a América: relações entre as cosmovisões indígena e cristã no Códice Telleriano Remensis”.

comunhão quando fala sobre a festa *panquetzaliztli* na primeira seção do códice; enquanto na segunda seção, onde foi representada a imagem de uma árvore quebrada, ele faz o seguinte comentário: que "*tamoancha e xuchitlyvcacan es el lugar donde fueron criados los dioses que ellos tenían que casi es tanto como decir el parayso terrenal*". Ademais, fala também sobre jejum, pecado e sobre o fim do mundo.

No TR é muito reiterada a referência a mitos, cerimônias e costumes indígenas que tenham paralelo com aspectos da cultura ocidental cristã. A menção ao dilúvio é a mais freqüente entre os anotadores, principalmente na pena de Pedro de los Ríos. Ele chega a apontar em toda a seção do *tonalpohualli* quais são os deuses que sobreviveram a ele. Ríos possui quase uma obsessão sobre a relação do dilúvio com os deuses e as outras histórias do universo mitológico-religioso indígena. Para ele esse evento parece ser um marco. Por exemplo, os sacrifícios e os auto-sacrifícios começaram a ser feitos depois do dilúvio e a estrela Vênus foi criada antes do dilúvio. Os outros anotadores principais do TR também mencionam o dilúvio com freqüência.

A coincidência entre o Dilúvio descrito nas Sagradas Escrituras e mitos indígenas sobre um fim apocalíptico causado pela água chamou a atenção de diversos religiosos que atuaram ou escreveram sobre a América. Para nós, o principal interesse dos missionários por assuntos particulares da cultura indígena deve-se a uma busca por determinadas informações que pudessem ajudá-los a encaixar esses povos americanos em suas próprias crenças, ou seja, ao conteúdo das Sagradas Escrituras, especialmente à Gênese.

Com o Novo Mundo descobre-se também uma Nova Humanidade. Resta o problema crucial de inseri-la na economia divina, o que implica incluí-la na genealogia dos povos. Para isso, não há outra solução senão a da continuidade, senão abrir-lhes um espaço na cosmologia européia. Por que a humanidade é uma só, os habitantes do Novo Mundo descendem necessariamente de Adão e Eva, e portanto de um dos filhos de Noé, provavelmente do maldito, Cam, aquele que desnudou seu pai... (CUNHA, 1990: 102)

Os textos do Códice VA trazem o mesmo tipo de interconexão entre as cosmovisões indígena e americana. No VA ela é ainda associada a um forte tom de julgamento das práticas indígenas, revelando outros tipos de reflexões, especialmente de

fundo teológico, os quais comumente circulavam entre os missionários que atuavam na América durante o período colonial. Esses aspectos ampliaram o leque de discussões trazido pelos textos do TR no primeiro ano de nossa pesquisa de pós-doutorado, focada exclusivamente nas anotações desse códice.

Em sua análise dos textos do códice VA Anders (ANDERS, 1996) ressaltou uma série de características relativas a seus autores e a seu conteúdo. O autor acredita que o comentador que realiza as anotações nos conteúdos similares ao TR era inexperiente e tinha pouco conhecimento da cultura mesoamericana (ANDERS, 1996: 30), mostrando desconhecimento do náhuatl e do otomí. Não estamos de acordo com essa afirmação, pois em nossa opinião esse comentador tinha estreita vivência com os índios e conhecia muitos dos aspectos relativos à sua vida diária e a seus costumes, assim como várias de suas antigas tradições religiosas. Ele demonstra conhecimento de plantas, alimentos, objetos e costumes mesoamericanos. Seu texto, repleto de preconceitos e de algumas idéias teológicas que circulavam na Nova Espanha durante o período colonial, algumas vezes mascaram sua relação com o mundo indígena. As anotações do VA trazem também uma discussão sobre a origem hebraica dos indígenas americanos, que ocupou a atenção de alguns missionários durante o século XVI.

Apesar dessas inserções de idéias européias no corpo de um texto que deveria conter basicamente explicações sobre as pictografias e o universo cultural indígena aparecerem com frequência na pena do primeiro anotador do VA, em geral ele costuma fazer uma espécie de separação entre elas, o que ocorre em menor escala no TR, onde tudo parece estar misturado. Assim, esse anotador do VA normalmente separa as explicações sobre as crenças indígenas dos comentários pessoais, que é onde costuma introduzir diversos tipos de reflexões sobre essas crenças e suas associações com idéias ocidentais. Normalmente intercala descrições sobre os deuses, suas atribuições, festas e ritos indígenas com opiniões pessoais, as quais costumam trazer juízos de valor.

Esse anotador refere-se reiteradamente aos deuses como “demônios”, assim como atribui muitos dos ritos e práticas indígenas a “satanás” ou ao “demônio”. Também toma o inframundo indígena, o *Mictlan*, pelo Inferno cristão, e chama o principal deus que preside esse inframundo, *Mictlantecuhtli*, de “Satanás”. Também usa a palavra “pecado” com muita frequência, atribuindo a ela um significado cristão. Mas também elogia os indígenas por praticarem o jejum, criticando ao mesmo tempo os

“perversos luteranos” por terem suprimido essa prática. Quanto ao dilúvio, este é mencionado poucas vezes no texto desse autor do VA e parece estar mais associado à lenda indígena que ao Dilúvio cristão. É possível que esteja também fazendo referência ao Dilúvio bíblico, mas isso não é tão óbvio quanto nos textos do códice Telleriano Remensis.

Porém, no caso desse autor do VA, o que nos chama mais a atenção são suas reflexões sobre as semelhanças de alguns conhecimentos e práticas indígenas com aquelas pregadas pela Bíblia ou praticadas pela Igreja católica. Podemos dividi-las em dois grupos: o primeiro é composto pelas críticas que faz aos indígenas por terem sido “enganados pelo demônio”, por atribuírem obras de Deus ou de Jesus aos deuses nativos; o segundo grupo relaciona-se a um conhecimento prévio que os indígenas teriam das Sagradas Escrituras, o que o faz crer que sejam descendentes dos hebreus.

Alguns exemplos do primeiro grupo podem ser vistos na página 14v, quando diz que a cegueira dessa gente miserável fez com que atribuíssem a seus demônios a criação do mundo e a reforma deste através da penitência, os quais atribui respectivamente a Deus e ao “Eterno Verbo”. Nas páginas 17r, 21v e 49v explica que as crenças ou ritos descritos, que são semelhantes a histórias ou rituais cristãos, foram ensinados aos indígenas pelo demônio, que queria imitar os ensinamentos de Deus (das Sagradas Escrituras) ou ser adorado da mesma forma que este último. Na 21v escreve que o demônio mesclou muitos erros, conformando suas mentiras com as verdades católicas; e na página 48v, após associar uma das festas indígenas do *xiuhpohualli* à Festa de Todos os Santos católica, comenta que a diferença é que os índios faziam a festa para os demônios e os cristãos para Deus.

Exemplos do segundo grupo encontram-se nas páginas: 17r, onde afirma que os nativos conheceram a história de Adão e Eva mascarada na história que acaba de contar sobre uma das deusas nativas; 21v, quando diz que os indígenas têm bastante conhecimento do livro do Gênesis e dos outros 4 livros que conformam o Pentateuco e por isso acredita que eles descendam dos hebreus, o que também é comprovado, segundo esse autor, pela frequência de sacrifícios e cerimônias que eles tinham, os quais aludem às cerimônias da “velha lei”; 22r, onde fala sobre uma cerimônia de purificação que acredita ser similar a uma do Levítico, terceiro livro do Pentateuco, a qual parece ser similar a uma realizada pelos hebreus, fazendo o autor reiterar a descendência

hebraica dos indígenas; e 49v, quando acrescenta um comentário sobre uma cerimônia que seria uma espécie de comunhão.

Enfim, esses exemplos mostram que também no códice VA é bastante comum o uso de elementos europeus para explicar o universo cultural indígena, assim como também é freqüente a busca de elementos nas culturas dos povos nativos da América que possam explicar a existência desses indivíduos dentro do contexto das Sagradas Escrituras e da cosmovisão europeia como um todo. Dessa forma, anotadores dos dois códices mostram um interesse particular em estabelecer uma ligação dos indígenas americanos com o Velho Mundo, quer seja buscando indícios do Dilúvio Universal, no caso do TR, ou estabelecendo um vínculo entre eles e os hebreus, como no VA.

Mas, essas características presentes nas anotações desses manuscritos não estão restritas a eles, como sugerimos acima, ou mesmo a outros códices. Elas aparecem nos textos de diversos cronistas do século XVI e XVII. Nesse sentido, os conteúdos dos textos em caracteres latinos dos Códices TR e VA estão conectados a uma série de outros textos produzidos por missionários durante o período colonial, pois quer estivessem explicando as pictografias ou escrevendo livros esses missionários tinham interesses e preocupações em comum⁵.

Assim, os dois códices abordados nesta pesquisa podem nos ajudar a desvendar particularidades da intrincada relação que existia entre os missionários europeus e os pintores ou informantes indígenas e entre as tradições nativas e européias, tanto do ponto de vista de suas convenções artísticas e livrescas como da interconexão de suas cosmovisões e tradições.

Referências Bibliográficas

ALVIM, Márcia H. *Dos céus e da terra: astrologia judiciária e descrição da superfície terrestre nos relatos missionários da Nova Espanha do Século XVI*. Campinas: UNICAMP, 2007.

ANDERS, Ferdinand; JANSEN, Maarten. *Religión, Costumbres e Historia de los antiguos mexicanos: libro explicativo del llamado Códice Vaticano A*. México: Fondo de Cultura Económica, 1996.

⁵ Alvim, em seu trabalho (ALVIM, 2007), apontou a presença da cosmovisão européia em algumas crônicas missionárias do século XVI.

CUNHA, Manuela Carneiro. “Imagens de Índios do Brasil: o século XVI”. In *Estudos Avançados*, vol. 4 n. 10, 1990.

HARTOG, François. *O espelho de Heródoto. Ensaio sobre a representação do outro*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

HUMBOLDT, Al. De. *Vues des cordillères et monumens des peuples indigènes de L'Amérique*. Paris: F. Schoell, 1810.

MONTORO, Gláucia Cristiani. “O Dilúvio Universal e a América: relações entre as cosmovisões indígena e cristã no Códice Telleriano Remensis”. In *Tempo*. No prelo.

POMPA, Cristina. *Religião como tradução: missionários, Tupi e Tapuia no Brasil colonial*. Bauru: EDUSC, 2003.